

---

## A VIDA DE JESUS

### CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM EM FRIEDRICH SCHLEIERMACHER

Aloísio Ruedell

#### **Resumo:**

O propósito deste texto é fazer uma discussão sobre a linguagem em Friedrich Schleiermacher a partir de suas considerações no livro “Das Leben Jesu” (= A vida de Jesus). O autor, contudo, faz uma abordagem mais ampla do tema, permitindo que se fale em “comunidade linguística”. O que motiva a discussão é a pergunta sobre a relação ou influência recíproca entre o individual e o coletivo ou comunitário, entre a linguagem universal ou comunitária e a fala singular de cada indivíduo. A convicção que acompanha o texto e que se constitui em tese é que “não se pode arrancar ninguém de seu tempo, de sua época e de seu povo”, ou seja, as circunstâncias são constitutivas do ser humano. Mas, de outro lado, também é verdade que a sociedade ou a comunidade somente existe porque constituída, mantida e/ou transformada pela ação dos indivíduos. Põe-se, então, a pergunta específica do autor: como fica essa discussão quando o indivíduo em questão é Jesus, destacado por sua grande influência sobre a sociedade de sua época e de toda a história humana?

**Palavras-chave:** linguagem; contexto; individual; coletivo; relação.

#### **Abstract:**

*The purpose of this paper is to make a discussion about language in Friedrich Schleiermacher from his remarks in the book "Das Leben Jesu" (= The life of Jesus). The author, however, makes a more comprehensive approach to the subject, allowing you to talk on "linguistic community". What motivates the discussion is the question about the relationship or interplay between the individual and the collective or community, between the universal and the unique community language or speech of each individual. The conviction that accompanies the text and which constitutes thesis is that "you cannot boot anyone of his time, his epoch and his people," ie, the circumstances are constitutive of the human being. But on the other hand, it is also true that society or community only exists because constituted, maintained and/or transformed by the action of individuals. Then goes down to the author's specific question: how is this discussion when the individual in question is Jesus, noted for its great influence on the society of his time and of all human history?*

**Keywords:** language; context; individual; collective; relationship.

O propósito deste texto é fazer uma discussão sobre a linguagem em Friedrich Schleiermacher, com referência específica a suas considerações no livro “*Das Leben Jesu*” (= A vida de Jesus). Talvez o subtítulo da proposta - *Considerações sobre a linguagem em Friedrich Schleiermacher* - não expresse bem o que se pretende apresentar e o que o filósofo discute em seu texto. Embora sua discussão esteja focada na linguagem, ele trata o tema de maneira mais ampla, sugerindo que se fale em “comunidade linguística”. A propósito de uma abordagem específica sobre a vida de Jesus, desenvolve uma reflexão geral sobre a relação ou influência recíproca entre o individual e o coletivo ou comunitário, entre a linguagem universal ou comunitária e a fala singular de cada indivíduo. A convicção que acompanha o texto e que se constitui em tese é: “não se pode arrancar ninguém de seu tempo, de sua época e de seu povo”. O contexto social ou comunitário é determinante e indispensável na constituição do indivíduo humano. É fútil querer pensar o ser humano sem suas circunstâncias. Mas, de outro lado, também é verdade que a sociedade ou a comunidade somente existe porque constituída, mantida e/ou transformada pela ação dos indivíduos. Em tese, todos são influenciados pelo contexto social e, em certa medida, também deixam nele sua marca ou influência.

A discussão ainda adquire um desafio especial quando se aplica ao caso específico da vida de Jesus. Imaginando a discussão entre “cristãos” ou crentes, evoca-se logo a grande influência que Jesus exerceu sobre sua comunidade de origem e, por fim, sobre toda a humanidade. Mas, de outro lado, teria Ele também sofrido a influência de seu contexto social, da mesma forma como qualquer outro indivíduo humano? Isso não diminuiria sua dignidade? Para responder a essa pergunta, Schleiermacher argumenta que não há exceção nessa relação recíproca entre o individual e o social ou comunitário. Pode-se até admitir diferentes graus ou níveis de influência sofrida e/ou exercida. Há, sem dúvida, homens que, em sua trajetória de vida, destacam-se positivamente pela enorme influência que exercem sobre a sociedade. Jesus é, sem dúvida, um exemplo destes. Mas, até mesmo Ele não teria deixado nenhuma influência para a humanidade, se, na época, não tivesse acolhido os valores linguísticos de sua comunidade de origem, servindo-se de uma linguagem já existente. Sua vida e sua mensagem, antes de terem um sentido peculiar e único, trazem também a marca ou a influência de uma comunidade linguística.

## I

“É evidente - assim inicia o filósofo - que não se pode arrancar ninguém de seu tempo, de sua época e de seu povo” (p. 387). No caso específico, que se propõe tratar, ele vislumbra duas possibilidades de aplicação: que Cristo pudesse ser calculado individualmente ou que fosse determinado e condicionado pelo contexto social. Em relação à primeira possibilidade, o saber antecipado do outro não estabelece limites para a nossa consciência de liberdade, também não para a dignidade de Cristo, porque, de qualquer forma, somente poderão calculá-Lo aqueles que por Ele estiverem iluminados. No mais, a limitação seria problemática. De um lado, cessa o caráter de modelo de Cristo, se não pudermos saber como Ele teria agido em qualquer situação; de outro lado, sua dignidade é prejudicada, se Ele é para ser determinado pelo contexto popular. – A relação do indivíduo com a vida coletiva ou comunitária tem duas possibilidades: ele domina ou obedece (é condicionado). Schleiermacher defende a tese de que, na relação de Cristo com o seu contexto social, verificam-se as duas perspectivas. Cristo, de um lado, domina absolutamente, mas, em sua receptividade, também está sob a influência do contexto. Caso contrário, não poderia ter se desenvolvido humanamente, nem agir humanamente.

## II

Perseguindo a possibilidade de chegar a Cristo pelo cálculo, o filósofo sugere pensar o homem a partir de seu interior e com uma consciência tão clara, de modo que, com certa segurança, poder-se-ia pensar o mesmo homem sob outras circunstâncias e forças influenciadoras e, contudo, estabelecer sua vida sob circunstâncias não dadas. É a tarefa que nos colocamos para aquilo que designamos com a expressão *conhecimento do homem* enquanto tal. O *maximum* disso, afirma o autor, é um tipo de profecia, onde se sabe de antemão como o homem, sob certas circunstâncias, haverá de se mostrar. Essa tarefa, porém, somente pode ser pensada sob certos limites, ou seja, é um empreendimento fútil e vazio querer considerar um e o mesmo indivíduo humano em outro povo ou numa outra época. Isso conduziria a algo completamente fútil, porque um indivíduo humano, isoladamente considerado, não teria sido o mesmo em outro povo e

numa outra época. Ele só pode ser pensado com as condições gerais de seu *Dasein*. De qualquer forma, não se pode arrancá-lo dessas condições. E isso precisa estar claro para cada um que tem uma noção da influência da vida comunitária sobre a individual: o indivíduo somente é e se constitui na e pela vida comunitária. Trata-se de uma relação inquestionável, que não pode ser alterada, e cada indivíduo humano já é ao mesmo tempo, em seu desenvolvimento, um resultado da vida comunitária.

### III

Mas, como fica isso, se o quisermos aplicar diretamente à tarefa específica do autor, a saber, na descrição da vida de Cristo? Nesse caso, as duas possibilidades, acima estabelecidas, parecem destruir essa tarefa específica, tanto aquilo que foi estabelecido como o *maximum* referente ao conhecimento do homem quanto também aquilo que foi colocado como limitação.

Tomando em consideração o *maximum*, então poderíamos estabelecer a fórmula: “*somente pode haver uma representação que corresponda [9] à ideia do homem individual, ou seja, que corresponda à ideia histórica que não se satisfaz com o aparente, na medida em que, em certo sentido, é possível calcular o homem em sua singularidade*” (SCHLEIERMACHER, 1990, p. 388). Dificilmente alguém questionará isso, se ele partir da ideia de que em tudo a natureza humana é a mesma, de modo que nenhuma forma de atividade pode ser pensada em alguém, que, conforme a essência, também não estaria em qualquer outro. Nesse sentido, a diferença entre os indivíduos só pode ser mantida nas diversas relações entre as formas de atividades comuns que constituem a natureza humana. E aí também existe um *Calculus*, e quanto menos correto o *Calculus* tanto menor será o conhecimento do homem; e, da mesma forma, quanto mais erros no conhecimento do interior tanto mais equivocada deverá ser a representação da vida.

Seria muito demorado seguir aqui a pergunta, até que ponto isso esteja em contradição com a consciência da liberdade que está em todos nós. Sabemos, entretanto, que a clareza com que alguém nos compreende não vem em prejuízo para nossa liberdade. Alegramo-nos com a clareza de quem nos calcula ou considera corretamente, e, contudo, permanecemos livres.

No entanto, quando nos colocamos a pergunta, se a perfeição de uma descrição da vida de Jesus se assenta sobre a ideia de que Ele poderia ser calculado segundo aquelas determinações gerais, então isso nos parece contradizer o modo como nós (cristãos) distinguimos Cristo de todos os homens. De outro lado, porém, é evidente que, se declarássemos que a diferença de Cristo em relação a todo ser humano, sua dignidade específica também inclui que Ele, em sua vida humana, no modo como chegou a ser representado, não está sujeito ao mesmo *Calculus*, então haveríamos de suspender imediatamente toda a faculdade prática da representação de Cristo. Sem a possibilidade do cálculo, surge a pergunta: em base a que Cristo então nos seria colocado como modelo ou referência? Isso seria algo insustentável e completamente vazio, se não nos fosse possível pensar Cristo agindo em outros casos, além dessas poucas manifestações em sua história que efetivamente nos são dadas. Se, no uso prático do conhecimento de Cristo, tivéssemos que ficar limitados às particularidades de sua vida que estão à nossa disposição, então essa aplicação prática valeria para nós como nada. Portanto, isso que, de um lado, parece estar em contradição com a dignidade de Cristo, é, de outro lado, uma necessidade para compreender na prática a vida de Cristo. Não o poderíamos tomar como modelo, se não pudéssemos construir para nós seu modo de agir. Por isso, também tem sua verdade o uso do *Calculus* para a vida de Jesus. Caso contrário, sua influência prática sobre nós não nos atingiria. Apesar daquela contradição, ou aparente contradição, isso, contudo, deve ter sua verdade.

#### IV

Voltamo-nos agora ao questionamento em relação aos limites do *Calculus*: se não podemos arrancar nenhum indivíduo humano das condições gerais de sua existência particular, por conseguinte, do caráter de seu povo e de sua época, então isso parece desfazer novamente aquele uso, que também postulamos para o conhecimento de Cristo, porque estamos hoje numa outra época e pertencemos a outro povo: se não podemos tirar Cristo de seu contexto, para pensá-lo em nosso povo e em nossa época, então o conhecimento Dele novamente não tem nenhum valor prático, pois, cessa seu caráter de modelo ou referência para nós. - Podemos, contudo, perguntar a partir de outro ponto de vista: não é isto uma diminuição ainda maior da dignidade específica de Cristo, se o

devemos pensar como colocado nas condições de uma determinada época e num determinado povo? Schleiermacher atém-se, primeiramente, a esta última questão, e para respondê-la propõe um exame mais acurado da relação entre o homem particular, na história do desenvolvimento de sua vida, e aquelas condições gerais.

Para o filósofo, precisamos iniciar com uma pressuposição, de que a vida deva ser pensada em sua constante progressão, de forma alguma num círculo. Considerando a relação do individual com a vida comunitária sob essa pressuposição, veremos que é preciso pensar isso de duas maneiras: de um lado, de tal maneira, que o indivíduo fique sob a influência da vida coletiva à qual pertence; mas também, de outro lado, que a vida coletiva ou global esteja sob a influência do indivíduo. Se não houvesse a primeira perspectiva, então seria falso o enunciado, que o individual é condicionado pela vida coletiva à qual está vinculada sua existência, e também teríamos que considerar como um acaso tudo aquilo que estivesse sob a forma da necessidade histórica e natural. Mas, se a outra perspectiva fosse falsa, então não poderia existir progresso histórico. Não podemos chegar ao primeiro início das coisas humanas, mas na vida em geral não poderia haver desenvolvimento, em nenhuma relação, se não estivesse sob a influência do indivíduo.

Existem, entretanto, homens cujo desenvolvimento vai além de seu povo e de sua época, e, em consequência, seus níveis de desenvolvimento transcendem até a vida em geral. Quando o indivíduo exige a vida como um todo mediante resultados que antes não existiam, mas que, posteriormente, se constituem num bem comum, então o todo está sob a influência da vida individual. Mas, entre estes que exercem essa influência dominadora sobre a vida como um todo, não pode existir ninguém que, enquanto domina numa relação, não esteja, em outra relação, sob a influência da vida coletiva. Precisamos, portanto, reconhecer essa duplicidade em sua universalidade. Há, sem dúvida, muitos indivíduos dos quais não se pode comprovar que exerceram uma grande influência sobre a vida em geral, mas que estão completamente sob a influência de seu contexto. Isso é natural e compreensível, afirma Schleiermacher, e faz parte do conceito de homem enquanto espécie. Caso contrário, não poderia haver uma vida humana coletiva, e as influências dos indivíduos haveriam de se paralisar, e tão somente haveria indivíduos, cada qual para si. Então precisaríamos declarar: entre aqueles, aos quais atribuímos uma influência dominadora, não pode ser pensado nenhum que, ao exercer

essa influência, numa relação, contudo não se encontra, de outro lado, sob a influência da vida coletiva. Pois, uma vez que a diferença dos indivíduos se assenta sobre a relação das diversas formas de atividades humanas, então também precisamos pensar como diferente, em cada indivíduo, cada uma dessas formas, ou seja, segundo seu sentido específico, mas também diferente segundo a quantidade. E o indivíduo somente pode exercer uma influência dominante em virtude daquelas formas de atividade que existem e dominam dentro dele mesmo, mas em relação aos outros indivíduos ele está sob a influência da vida coletiva.

Com essas considerações, a tarefa específica, da descrição da vida de Jesus, já não parece mais tão difícil quanto no primeiro momento. Não nos parece mais como suspensão de toda dignidade específica de Jesus, quando dizemos que Ele também se encontra nessa relação com a vida coletiva a que está vinculado, quando somente pensamos que sua relação com a vida coletiva tenha sido de tal maneira, que tenha exercido uma influência dominante. – Podemos, além disso, dizer: distinguimos vivência popular e época, mas essas diferenças cruzam-se entre si, e a influência dominante da vida individual é, sem dúvida, maior quando atinge juntamente este cruzamento: se o indivíduo exerce uma influência tal que se estende para além de seu povo e de sua época, então ele é maior do que se logo desaparecesse novamente com a época. Portanto, sem omitir que devia existir uma relação de Cristo com o seu povo e sua época, podemos, contudo, pensar uma influência de sua atuação, e que, inclusive, se estenda *para além de todos os povos e todas as épocas*. Mas, isso significaria que Cristo de forma alguma tenha estado sob a influência de sua época e de seu povo?

Schleiermacher lembra que foi questionado sobre isto de muitas maneiras, porque, em sua obra *Glaubenslehre* (Doutrina da Fé), ele se viu obrigado a abordar o assunto na discussão sobre Cristologia. Apresentou aí a questão de tal maneira que, de qualquer forma, se precise pensar uma influência do povo sobre Jesus, e também de sua época. Teólogos de renome e bem intencionados o haviam questionado, argumentando que, nessa posição, a dignidade própria de Jesus seria diminuída. Para o filósofo, a suspeita dos teólogos não deve passar de um mal-entendido. Pois, mesmo que não queiramos pensar outra coisa do que a influência dominante, então, contudo, teremos que dizer: Cristo não podia ter exercido essa influência, se não tivesse carregado dentro de si a época e o povo de sua época. Qualquer atividade de Cristo, que quiséssemos

pensar totalmente livre disso, teria sido absolutamente estranha para as pessoas próximas dele; mas, uma atividade desse tipo somente pode ser objeto de reflexão, e não consegue ir mais longe: na vida real, em relação a isso, a gente se fecha, até que encontre um ponto em comum, pois somente neste também pode ser pensada uma atividade coletiva ou uma continuação viva ou consciente da atividade do outro.

Por fim, o autor procura ser ainda mais concreto. Deixa claro que está se referindo ao conhecimento divino de Cristo. Alguém poderia propor que esse conhecimento depende completamente de seu povo e de sua época e que, por isso, a influência dominadora de Jesus, acima referida, estaria suspensa. Schleiermacher, entretanto, contra-argumenta: Jesus somente pôde ser aquilo que é em nossa fé, conquanto se fixou um tipo de conhecimento divino que se pode difundir, segundo o espaço e o tempo, sobre tudo o que é humano, e encontrar reconhecimento por tudo. Portanto, a razão mais profunda de seu conhecimento divino deve ser procurada precisamente naquilo que significa sua dignidade específica. Mas, se devemos distinguir entre a razão mais profunda e também e somente sua manifestação temporal e espacial mais próxima, assim Jesus não pôde se manifestar de outra maneira a não ser na língua em que nasceu e cresceu, e na qual se baseava sua vivência comunitária com outros homens; e se perguntamos: esta língua continha em si o conhecimento absoluto de Deus, ou a capacidade de trazê-lo adequadamente para a consciência, em suas particularidades? Para Schleiermacher, a resposta é “não”! Pois, caso contrário, Cristo nem teria sido necessário, e o conhecimento de Deus teria se difundido por si mesmo mediante a linguagem; portanto, nessa relação da linguagem, na manifestação sensível de seu conhecimento divino, Ele estava sob a influência de seu povo, de quem a linguagem é a manifestação, e, sem dúvida, também sob a influência de sua época: e quando, nessa relação, Ele quisesse fazer alguma atuação, então Ele somente podia fazê-lo mediante representações usuais, das quais teve que se servir. O filósofo se pergunta: nossa pressuposição é que na dignidade específica de Cristo estava o fundamento para aquele conhecimento divino absoluto, que pôde se tornar um modelo para todos os homens? Devemos pensar que Cristo, enquanto criança, ao iniciar a falar em sua língua, em suas representações, no primeiro ato de sua consciência, já tenha manifestado aquele conhecimento divino? - Quem quer afirmar isso, entrará necessariamente em contradição direta com a própria Sagrada Escritura, pois então



Cristo não teria crescido em conhecimento; e ele, ao mesmo tempo, liquidada com a essência da existência humana, e isso é *Docetismo*, negação da verdadeira humanidade de Cristo. Portanto, se precisamos pensar Cristo no período de seu desenvolvimento, então aí ainda não podemos incluir uma influência dominante por parte dele, pois isso seria como imaginar que Cristo nas fraldas já teria realizado milagres<sup>1</sup>. Houve, portanto, um tempo em que também Ele estava sob a influência das condições comuns, e nele, como em qualquer outro, a influência dominante apenas se exerce mais tarde, por mais que a razão pela qual ele começou a exercer essa influência precise ser apresentada como algo originário, exatamente como, em alguns homens privilegiados, precisamos apresentar talentos extraordinários como algo original, por mais que eles, no primeiro desenvolvimento, estejam sob a influência das condições comuns da vida. *Se não fosse aceito o verdadeiro desenvolvimento humano em Cristo, então também não poderia ser aceita a verdadeira vida humana.*

### Referências bibliográficas

SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. *Das Leben Jesu* (1832). In: Friedrich Schleiermachers *Sämmtliche Werke*, I/6. Aus Schleiermachers handschriftlichem Nachlasse und Nachschriften seiner Zuhörer, hrsg. von K.A. Rütenik, Berlin 1864, p. 7 - 14.

\_\_\_\_\_. Aus: *Das Leben Jesu*: Vorlesungen an der Universität zu Berlin im Jahr 1832. In: *Hermeneutik und Kritik*; mit einem Anhang sprachphilosophischer Texte Schleiermachers. Hrsg. und eingeleitet von Manfred Frank, 4.Aufl. Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1990, p. 387 - 394.

\_\_\_\_\_. *Der christliche Glaube*. Nach den Grundsätzen der evangelischen Kirche im Zusammenhange dargestellt (1821/22), Teilband 1, hrsg. von Hermann Peiter. In: SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. *Kritische Gesamtausgabe*. Hrsg. von Hans-Joachim Birkner et alii. Erste Abteilung, Schriften und Entwürfe, Bd. 7, Teilband 1, Berlin/New York, Walter Gruyter, 1980.

---

<sup>1</sup> Como os Evangelhos apócrifos indicam.